



GÊNERO E TRABALHO: a opinião masculina sobre a inserção da mulher no setor da construção civil

*José Vitor Palhares dos Santos¹
Ana Flávia Carvalho Cardoso²
Lucas Casale do Nascimento³
Agatha Cruz de Paula⁴*

Resumo

Embora recentemente haja uma participação ativa das mulheres no mercado da construção civil, a ocupação desse espaço ainda é predominantemente masculina. Diante desse contexto, o estudo objetivou analisar a opinião que trabalhadores do sexo masculino da construção civil possuem sobre a inserção das mulheres nesse setor. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com trabalhadores de diferentes empresas do ramo, situadas na cidade de Lavras (MG). Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo e os resultados evidenciaram que, apesar de a maioria dos entrevistados demonstrarem não ter nenhuma dificuldade em trabalhar com mulheres, ainda há discriminação no que diz respeito à capacidade de realização de tarefas consideradas de competência do sexo feminino e masculino na construção civil.

Palavras-Chave: Gênero. Trabalho. Construção Civil.

GENDER AND WORK: THE MEN'S OPINION ABOUT THE INSERTION OF WOMEN IN THE SECTOR OF BUILDING CONSTRUCTION

Abstract

Even though there has been an active participation of women in the building construction market more recently, the occupation of this workspace is still predominantly made by men. In this context, the study aimed to assess the opinion that construction male workers have about the insertion of women in this sector. For this purpose, semi-structured interviews were conducted with workers of different companies of that industry, located in the city of Lavras

¹ Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS). E-mail: titopalhares@hotmail.com

² Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: anaflaviaana-cv@hotmail.com

³ Graduando em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Membro do Programa de Educação Tutorial – PET Administração. E-mail: lucascasaledonascimento@hotmail.com

⁴ Graduanda em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Membro do Programa de Educação Tutorial – PET Administração. E-mail: agathacruzp@hotmail.com

(MG). Data were analyzed using content analysis and the results showed that, although most of them do not seem to have any difficulty in working alongside women, there is still discrimination regarding the ability to perform tasks traditionally considered to be of female and male competence in the sector of building construction.

Keywords: Gender. Work. Building Construction.

INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, o setor da construção civil era ocupado essencialmente por homens, principalmente no que se refere ao canteiro de obras. Um dos principais motivos que poderia impedir a contratação de mulheres para trabalhar nessa área era o estigma de ser um trabalho “pesado”, isto é, que exigia muita força física, e, portanto, era um trabalho reservado para homens.

Atualmente, apesar das dificuldades enfrentadas, a mulher vem conquistando, cada vez mais, espaço no setor da engenharia civil. Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), entre 2007 e 2009, a contratação de profissionais do sexo feminino deu um salto de 44,5% no país, quando o número de mulheres contratadas na área passou de 119.538 para 172.734 (7,78% do total). Em 2010, elas ocupavam 11% das vagas criadas pela construção civil no Brasil (BRASIL, 2013).

Uma das iniciativas adotadas para garantir o emprego da mulher no canteiro de obras e os seus direitos foi o projeto de Lei nº 162/2011, que obriga a reserva de 5% das vagas de emprego para mulheres em obras de construção civil (DIÁRIO DOS CAMPOS, 2011). Esta lei, adotada pelo governo do Estado do Paraná, impede a discriminação no momento da contratação e garante a inserção feminina nesse ramo laboral. Embora existam iniciativas como esta, sabe-se que a mulher ainda enfrenta muitas dificuldades quando opta pelo trabalho no setor da construção civil (LOMBARDI, 2006).

De acordo com Lombardi (2006), mesmo com uma participação ativa das mulheres, o mercado da Engenharia Civil no Brasil ainda se apresenta como um espaço eminentemente masculino, acarretando em uma atribuição de trabalhos diferentes e de valores distintos para os homens e mulheres. A autora ainda pontua que o segmento de obras do setor civil é resistente a presença de mulheres, as quais causam estranhamento aos demais trabalhadores do sexo masculino, devido ao canteiro de obras ser caracterizado como um ambiente abrutalhado, de trabalho sujo e pesado.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar a opinião dos homens que trabalham no setor da construção civil sobre a inserção das mulheres nesta área. Este artigo está estruturado em seis seções, incluindo esta primeira que é a introdução. Na segunda seção, *V.9, nº1. Jan./jul. 2016.*

procurou-se fazer uma contextualização sobre o setor da construção civil e a inserção da mulher neste segmento. Em seguida, buscou-se compreender a relação de gênero e as relações de trabalho entre sexo masculino e feminino. Na quarta seção são apresentados os procedimentos metodológicos. Na quinta, são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, seção esta dividida em dois tópicos: um que caracteriza o perfil dos entrevistados e outro que descreve a opinião masculina sobre a inserção da mulher no setor da construção civil. Por fim, na sexta seção, são feitas as considerações finais acerca do trabalho.

1 A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Devido às mudanças sociais e econômicas ocorridas no Brasil nos últimos anos, as mulheres têm conquistado seu lugar nas mais diversas profissões (LOMBARDI, 2006). Para Bruschini (1994), o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho foi um dos fatos sociais mais marcantes no país desde a década de 70. A expansão da economia, o rápido ritmo de industrialização e a crescente urbanização constituíram um grande crescimento econômico, justificando a necessidade de uma maior demanda de mão-de-obra, inclusive a feminina (BRUSCHINI, 1994). De acordo com Lavinias (2001), a participação feminina no mercado de trabalho tem aumentado de forma linear e praticamente alheia às flutuações que o mercado está sujeito. Seja em fases de recessão, seja nos ciclos de expansão da economia, a taxa de atividade das mulheres tem crescido no Brasil nesses últimos 20 anos (LAVINAS, 2001).

Tais transformações econômicas, sociais e demográficas ocorridas no Brasil nos últimos anos repercutiram de maneira considerável na força de trabalho. Além disso, houve também mudanças intensificadas pelos movimentos feministas e pela participação das mulheres nos espaços públicos, nos padrões de comportamento e nos valores da mulher ligados ao seu papel social, proporcionando a oferta de trabalhadoras (BRUSCHINI, 1994). Para Bloemem e Kawijj (2001), a consolidação de tantas mudanças não afetou apenas o mercado de trabalho, mas também a estrutura das famílias e o perfil das trabalhadoras que vem se delineando desde 1980. Em uma pesquisa na Holanda, Bloemem e Kawijj (2001) concluíram que mudanças no número de filhos e a idade em que as mulheres engravidam estão relacionadas com a inclusão da mulher no mercado de trabalho, além de que mulheres que possuem um maior grau de escolaridade e ingressam no mercado de trabalho, têm filhos mais tarde e em menor quantidade.

De acordo com Bruschini e Lombardi (2002), no ano de 1976 existiam 11,4 milhões de mulheres trabalhando, número que passou para 31,1 milhões em 1998, ano no qual a taxa de atividade feminina chegou a atingir 47%, que significa que de cada 100 mulheres em idade de trabalhar, 47,6 trabalhavam ou procuravam emprego. Esse fato se justifica também pela expansão da participação feminina nas universidades, proporcionando a essas mulheres novas oportunidades de emprego (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2002). Lavinias (2001) expõe que o diferencial de gênero que capacita as mulheres a disputarem espaço no mercado de trabalho com mais sucesso que os homens é seu nível médio de escolaridade mais alto (37%) e seu patamar de remuneração (25%) ainda inferior. Dessa forma, percebe-se que, embora as mulheres tenham um nível de escolaridade maior do que os homens, esses ainda recebem mais pelo trabalho realizado, demonstrando que ainda há a desvalorização da mão-de-obra feminina perante a sociedade e o mercado de trabalho.

No que se refere ao setor da construção civil, historicamente, manteve como traço marcante o modelo tradicional e conservador, o qual se caracterizou, principalmente, pelos grandes investimentos governamentais na década de 70, onde não se possuía nenhum programa de qualidade voltado ao setor, forçando, assim, a estagnação do processo de inovação que a área da construção civil naturalmente desenvolveria ao longo dos anos (NASCIMENTO; SANTOS, 2003). Atualmente, este contexto estaria mudando em vários aspectos.

O capital intelectual é o mais valorizado num mercado globalizado e competitivo, onde este cenário tende a se modificar, já que, para sobreviverem, as empresas precisam ser dinâmicas, utilizando recursos, profissionais e estratégias que permitam tomadas de decisões oportunas e eficazes. Para isso as corporações, inclusive as do setor da construção civil, precisam acompanhar a evolução mundial do mercado, modernizando-se, seja investindo no quadro funcional ou em equipamentos, em prol de alavancar seus lucros ou simplesmente sobreviver (NASCIMENTO; SANTOS, 2003, p. 70).

Ainda em um contexto mais evoluído e atual, segundo Nascimento e Santos (2003), as mudanças estariam ocorrendo em função da grande influência governamental, dos efeitos da globalização, da modificação da economia nacional, da existência de programas de qualidade e do aumento da competitividade.

Nos últimos anos, o setor da construção civil tem passado por um momento de confiança e otimismo (LOMBARDI, 2006). Desde o anúncio de grandes programas por parte do governo federal, bem como o início de obras de reforma e ampliação em setores estratégicos de infraestrutura, o setor está em constante crescimento. De acordo com uma pesquisa realizada em 2013 pelo Sindicato da Construção Civil do Estado de São Paulo

(SindusCon-SP) em parceria com a Fundação Getúlio Vargas, o setor da construção civil teve um crescimento de 1,54% no acumulado do ano, totalizando 3.426 milhões de empregos regularizados no setor (SINDUSCONSP, 2014).

Especificamente com relação à inserção da mulher neste segmento, Lombardi (2006) afirma que, mesmo com a participação ativa das mesmas, o mercado da Engenharia Civil no Brasil ainda se apresenta como um espaço eminentemente masculino, e em um período de 17 anos (1985 até 2002), o percentual da participação da mulher nessa profissão não chegou a duplicar. Isso se deve, em grande parte, a diferenças existentes entre um homem engenheiro e uma mulher engenheira, pois no ramo da engenharia civil, ter representantes femininas ainda causa certa estranheza, seja junto aos “peões” ou até mesmo com outros engenheiros, pois o canteiro de obras ainda é considerado um espaço eminentemente masculino e abrutalhado, de trabalho pesado (LOMBARDI, 2006).

O resultado da pesquisa feita por Lombardi (2006) evidencia que, mesmo nas ações iniciais de uma obra, as mulheres engenheiras não são bem vistas. Os homens justificam que uma figura feminina não combina com um canteiro de obras e seu ambiente abrutalhado, com trabalho pesado e sujo. Quanto às engenheiras, notaram-se algumas restrições ao campo de obras: poucas são as que gostam dessas atividades, e a justificativa é a própria discriminação recebida ou o confinamento na obra (LOMBARDI, 2006).

Segundo Lombardi (2006), no Brasil, em 2002, existiam 33.949 profissionais do sexo feminino que se declaravam como engenheiras e 58,6% estavam empregadas. Os empregos femininos passaram de 12.438, em 1985, para 25.237, em 1990. Esse aumento do número de empregos foi favorecido pela expansão de serviços, principalmente por meio da administração pública, que ofereceu 60% dos novos empregos para as mulheres engenheiras (LOMBARDI, 2006). Nos anos de 1991 a 1992, devido à desaceleração do crescimento econômico, houve uma queda de oportunidades para engenheiros no Brasil, e esse estreitamento de oportunidades permaneceu até o ano de 1998. Em 1999, com o governo de Fernando Henrique Cardoso, após nove anos de taxas negativas, o mercado da engenharia voltou a apresentar melhores percentuais, e o emprego feminino na área cresceu 7,2% (LOMBARDI, 2006).

Entretanto, de acordo com Lombardi (2006), mesmo com recentes avanços e mudanças no cenário mundial sobre a inserção das mulheres no setor da construção civil, tal fato ainda pode ser caracterizado como pouco flexível, visto que é necessária uma análise consistente e atual das transformações econômicas no Brasil, bem como a forma pela qual se dá tal evolução feminina no setor da construção civil. Apesar de tal desenvolvimento, a pouca

representação da mão de obra feminina e as discussões acerca das relações de gênero presentes nesse ramo de trabalho também se fazem relevantes para a extração conclusiva do tema como um todo.

2 RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E TRABALHO

O conceito de gênero é amplo e estudá-lo torna-se essencial para compreensão das relações de trabalho entre homens e mulheres. Segundo Cappelle (2006), a definição das relações sociais de gênero deve ser entendida de maneira abrangente, uma vez que as relações estão presentes em todos os lugares e níveis sociais:

Ao se relacionar o conceito de relações de gênero à noção de prática social, possibilita-se a periodização histórica dessas relações, a qual é capaz de evidenciar as formas que a interação social entre homens e mulheres adquire ao longo do tempo (CAPPELLE, 2006, p. 87).

O termo “gênero” surgiu nos anos 70 com o objetivo de separar o sexo, tido como algo da natureza, ou seja, biológico, do gênero, que focalizava o caráter social, histórico, político e cultural (SILVA, 2009). Para Butler (2010), não há distinção evidente entre gênero e sexo: gênero não é visto como algo que somos, mas algo que fazemos, através de uma sequência de atos e comportamentos, isto é, considera-se toda existência como social. Para Suárez (2000), o gênero demonstra a ligação entre homens e mulheres e a natureza com finalidade, mesmo que simbólicos, da igualdade entre eles. Carloto (2001) ressalta que o conceito de gênero refere-se ao conjunto das representações sociais e culturais elaboradas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo no conceito biológico diz respeito ao tributo anatômico, no conceito de gênero refere-se ao desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social (CARLOTO, 2001).

No que se refere ao mercado de trabalho, Lippa (2005) destaca diferenças na escolha ocupacional, onde há uma opção por ocupações realistas, relacionadas a coisas e informações pelo sexo masculino, e uma escolha por ocupações sociais ou artísticas, relacionadas a pessoas e ideias, pelo sexo feminino, demonstrando que há uma predisposição para se comportar de determinadas formas de acordo com o sexo. Ainda assim, destacamos que de acordo com Kimmel (2006) a masculinidade se trata de uma ideia socialmente construída relacionada a aspectos espaços-temporais e culturais e não somente como uma determinada condição biológica.

Dessa forma, o conceito de gênero também recebe influências culturais que estabelecem critérios variados do que seria considerado comportamento masculino ou feminino em cada grupo (MENEZES *et al.*, 2010). Para Kon (2012), é preciso esclarecer que

através das análises econômicas relacionadas à questão de gênero na atualidade, as diferenças entre homens e mulheres não se limitam às questões biológicas relacionadas ao sexo do indivíduo, mas se constituem em uma série de atributos psicológicos, sociais e /ou culturais. Nesse sentido, Rosaldo (1995, p. 22) ressalta que o espaço do feminino e do masculino baseia-se nos sentidos atribuídos no social, e, portanto

gênero, em todos os grupos humanos, deve então ser entendido em termos políticos e sociais com referência não a limitações biológicas, mas sim às formas locais e específicas de relações sociais e particularmente de desigualdade social.

Para Lobo (1991), a divisão sexual do trabalho assume formas conjunturais e históricas, e constrói-se também como uma prática social. De acordo com Benevento (2013), a sociedade se modifica conforme o padrão de desenvolvimento da produção, dos valores e normas sociais, e na medida em que ocorre a transformação, atingem-se as representações de gênero, que constituem os papéis de cada um em seu modelo de ser. É uma construção cultural que transcende os séculos, passando pelas representações transmitidas de geração em geração e que, constituída em “cultura”, define o lugar do homem e da mulher com âmbitos diferenciados e antagônicos (BENEVENTO, 2013). Para Gherardi (1994), questões de gênero estão refletidas em toda organização, seja no ambiente físico, seja na linguagem, procedimentos e espaços destinados a sujeitos masculinos e femininos, e, portanto, na cultura organizacional.

Contudo, mesmo com as grandes transformações de costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda perduram discriminações, muitas vezes ocultas, relacionadas a gênero (SWAIN, 2001). Tais mudanças perceptíveis na sociedade retratam-se no campo organizacional, indicando para um cenário de intensa competição e discriminação, principalmente para o universo feminino, que absorve as responsabilidades profissionais, conciliando as responsabilidades também para com a família (CAPPELLE, 2006).

As mulheres estão conquistando espaço em praticamente todas as atividades, entretanto, apesar dessa conquista, e de possuírem os mesmos ou melhores níveis de escolaridade que os homens, ainda existem algumas diferenças quando se debate a igualdade entre gêneros (CAPPELLE, 2007). Segundo Lavinias (2001), as mulheres possuem um grau de empregabilidade maior, que se deve à dimensão do gênero. É como se os atributos pessoais credenciados pela dimensão do gênero, hoje fortemente demandado pelo mercado, somados às vantagens objetivas do perfil feminino, permitissem às mulheres realizar ganhos de diferenciais sumamente importantes (LAVINAS, 2001).

No que tange às especificidades das tarefas, Moreira (2012) e Carloto (2001) corroboram com a ideia de que as atividades masculinas são distintas das femininas, em espaços produzidos pelas esferas domésticas e públicas. Cada uma desta constitui-se num espaço pertencente a um dos gêneros, e dificilmente se sobrepõem. O afastamento da mulher da esfera doméstica é muitas vezes tido como uma degradação moral, consequência da exploração capitalista (CARLOTO, 2001).

Suárez (2000) afirma que a composição de gênero determina os valores e modelos do corpo, suas aptidões e possibilidades, além de criar paradigmas físicos, morais e mentais, cujas associações tendem a homogeneizar o ser, desenhando em múltiplo registro o perfil da verdadeira mulher. Na sociedade moderna, o masculino também é submetido ao modelo de performance e comportamento, a hierarquia que funda sua instituição no social o qual se apoia a construção dos estereótipos, um exercício de poder que se exprime em todos os níveis sociais (SUÁREZ, 2000).

Já Moreira (2012) considera que ambos os sexos são capazes de qualquer função, sendo possível discorrer que não é a natureza, mas a sociedade que impõe à mulher e ao homem certos comportamentos e normas distintas. Benevento (2013) também acredita que o ser humano nasce sexualmente neutro em atribuições, e o meio social em que vive é o determinante dos papéis masculinos ou femininos, instituindo, assim, o gênero, isto é, hierarquias socialmente constituídas.

Assim, após uma fundamentação teórica sobre a contextualização da inserção da mulher no setor da construção civil e sobre gênero e as relações de trabalho entre sexo masculino e feminino, foi utilizada a metodologia descrita a seguir para atingir o objetivo da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo tem como finalidade investigar a opinião que trabalhadores do sexo masculino da construção civil possuem sobre a inserção das mulheres nesse setor. Para atingir os objetivos da pesquisa, utilizou-se o método qualitativo e um estudo descritivo. Para Chizzotti (1991), a pesquisa qualitativa permite chegar à essência dos fenômenos estudados através do tratamento e interpretação dos dados, não de maneira isolada, como fatos ou acontecimentos isolados, mas sim, dentro de um contexto onde há uma dinâmica de relações, permitindo uma análise na questão de gênero no contexto da construção civil.

No que se refere à natureza da pesquisa quanto aos seus procedimentos técnicos, adotamos o estudo de multi-casos, que diz respeito à investigação de dois ou mais sujeitos (ou

objetos) de pesquisa e a relação entre os mesmos (TRIVIÑOS, 1987), método este que permite um maior aprofundamento nas questões a serem investigadas pelos sujeitos de pesquisa, bem como uma visualização mais ampla e detalhada do fenômeno trabalhado (LIMA, 2009).

A técnica utilizada para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, realizada com 62 trabalhadores de diferentes empresas do setor da construção civil situadas na cidade de Lavras (MG), abrangendo diferentes cargos, tais como engenheiros civis, mestres de obras, pedreiros e serventes. A investigação se deu por meio de um processo amostral não probabilístico por conveniência e a quantidade de entrevistados seguiu o princípio de saturação (PIRES, 2008), em que a coleta de dados foi interrompida a partir do momento em que não se constatou novos elementos para balizar a teorização, ou seja, quando a relação entre o campo de pesquisa e o pesquisador passou a não fornecer novas informações acerca do fenômeno investigado. Além disso, cabe ressaltar que as entrevistas foram realizadas no período de nove de setembro a quatro de outubro de dois mil e treze, com o auxílio de um roteiro composto por quinze questões, abertas e fechadas, para todos os entrevistados. Para Thiollent (1987), as entrevistas semiestruturadas são estratégias capazes de introduzir o pesquisador no universo cultural dos indivíduos, no caso dessa pesquisa no universo masculino da construção civil, facilitando na investigação sobre a opinião desses trabalhadores acerca da inserção da mulher nesse segmento de trabalho.

Os dados foram tabulados e foi realizada a análise de frequência das perguntas fechadas para caracterizar o perfil dos entrevistados. Realizou-se também uma Análise do Conteúdo (BARDIN, 2006) das questões abertas, procurando chegar à melhor descrição da opinião dos homens sobre o trabalho feminino na construção civil. Dessa forma, para as questões abertas realizou-se um mapeamento das ideias-chave e seleção das palavras descritas, analisadas por sua frequência e repetição nas respostas dos entrevistados. De posse dos dados coletados foi possível identificar a opinião que trabalhadores do sexo masculino da construção civil possuem acerca da inserção das mulheres em tal setor.

4 A VISÃO DOS HOMENS SOBRE O TRABALHO DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO CIVIL

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A fim de traçar um perfil dos respondentes, realizou-se uma caracterização dos entrevistados, levando-se em consideração os seguintes fatores: idade, escolaridade, estado civil e cargo ocupado.

Do total de respondentes, a maioria tem a idade acima de trinta anos, com destaque para homens “acima dos quarenta anos”, representando 34% dos entrevistados, seguido “de 35 a 40 anos” com 26%. Quanto à escolaridade dos entrevistados, a maior representatividade possui “Ensino Fundamental Incompleto” representando 42%, seguido de “Ensino Fundamental Completo” com 21%, evidenciando que a maioria dos entrevistados não tem muita oportunidade de estudos. Já em relação ao estado civil, a grande maioria é “casado” representando 58%, seguido de “solteiro” com 31%. No que diz respeito ao cargo ocupado pelos respondentes, a maior representatividade foi “pedreiro” com 48%, seguido de “servente” com 21% e “engenheiro civil” com 15%.

Desse modo, o perfil de maior representatividade dos respondentes é composto por homens com idade acima de quarenta anos, com ensino fundamental incompleto, casados e na função de pedreiro.

4.2 A OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE A INSERÇÃO DA MULHER NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Após traçar o perfil dos respondentes, analisaram-se diferentes questões sobre a opinião dos homens em relação à inclusão da mulher no setor da construção civil. Quando indagados se já haviam trabalhado diretamente com alguma mulher no canteiro de obras, a maioria respondeu “não”, representando aproximadamente 71%. No entanto os 29% que responderam “sim” relataram que o relacionamento profissional foi “bom”, “ótimo” e “normal”, e apenas dois respondentes destes 29% relataram ser “estranho” ou ter “dificuldades” de relacionamento. Dessa forma, nota-se que, no presente estudo, ainda é pequena a presença de mulheres no canteiro de obras, o que pode ser comprovado pelos estudos de Lombardi (2006), o qual demonstra que mesmo com a participação ativa das mulheres, o mercado da Engenharia Civil no Brasil ainda se apresenta como um espaço eminentemente masculino. Além disso, de acordo com a pesquisa, pode-se dizer que, apesar de a maioria dos homens que já trabalharam com mulheres e não encontrarem problemas em seus relacionamentos profissionais, houve algumas exceções, onde trabalhar no ramo da engenharia civil junto a representantes do sexo feminino ainda causa certa estranheza, assim como concluiu Lombardi (2006) em suas pesquisas.

Ao serem questionados sobre as principais tarefas que exercem no trabalho, a maioria dos respondentes destacaram as palavras “todas as atividades”, isto é, a maioria dos homens relatou que sabem fazer todas as atividades que são envolvidas em um canteiro de obras, com grande destaque também para as palavras “concreto”, “administração de obras” e “piso”. Quando abordados sobre as atividades ou tarefas que, na opinião deles, as mulheres podem exercer na construção civil, as respostas foram bem diversificadas. A maioria respondeu “todos os serviços”, “todos desde que não envolva muito peso” e há um grande destaque para palavra “acabamento”. Outras palavras também apareceram com maior representatividade, tais como “limpeza”, “pintura” e “serviços finais”.

Desse modo, nota-se que, na opinião dos homens, embora inferirem que as mulheres são capazes de fazer qualquer serviço, o fator “força física” tem grande influência no trabalho. Para eles, esse fator torna-se uma limitação do trabalho feminino na construção civil, e, por isso, destacam a limpeza, a pintura, o acabamento e os serviços finais, os quais são considerados como trabalhos que exigem menos força física, como mais apropriados ao trabalho da mulher nesse setor. Assim, a valorização do trabalho feminino na área se dá nas atividades que envolvam mais habilidades, o cuidado e a atenção das mulheres, o que pode ser visto nos estudos de Moreira (2012), o qual considera que ambos os sexos são capazes de qualquer função, sendo possível discorrer que não é a natureza, mas a sociedade que impõe à mulher e ao homem certos comportamentos e normas distintas. Tal conduta também pode ser percebida nos estudos de Kon (2012), que esclarece, através das análises econômicas relacionadas à questão de gênero na atualidade, as diferenças entre homens e mulheres, as quais não se limitam em questões biológicas relacionadas ao sexo do indivíduo, mas se constituem em uma série de atributos psicológicos, sociais e/ou culturais.

Outra questão abordada foi se as mulheres possuem maior dificuldade em trabalhar neste setor do que os homens e em quais aspectos. A maioria dos entrevistados disse que elas têm mais dificuldade que os homens, principalmente devido aos aspectos “falta de força física” com 37%, seguido de “preconceito” com 29%. Em relação às atividades que os homens acreditam que as mulheres não conseguiriam exercer, o destaque maior foi também para tarefas de “força física” e “peso”. Outras palavras evidenciadas foram “fazer concreto”, “andaime” e “carregamento”. Poucos respondentes destacaram a palavra “nenhuma”, isto é, segundo seus discursos, eles acreditam que as mulheres são capazes de realizar qualquer tarefa realizada por um homem.

Com esse resultado, observa-se que, na opinião dos homens, a “força física” é essencial para o trabalho no canteiro de obras e eles acreditam ser esse um dos grandes

obstáculos para a inserção das mulheres no setor da construção civil. Isso também pode ser evidenciado nos estudos de Lombardi (2006), em que as mulheres engenheiras não são bem vistas pela maioria dos homens entrevistados devido à figura feminina não combinar com um canteiro de obras e seu ambiente abrutalhado, com trabalho pesado e sujo.

Nesse sentido, desde os primeiros contatos com os homens que trabalham no setor da construção civil, notou-se um contexto masculinizado, não apenas pela diferença numérica entre homens e mulheres que nele atuam, mas principalmente pelo trabalho que sugere riscos, preconiza o uso constante da força física e a valorização de comportamentos bastante voltados para ação. Desse modo, como ressalta Gherardi (1994), são atributos associados ao masculino e à cultura organizacional já enraizada na maioria das organizações do setor da construção civil, onde notamos uma significação social apontada para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados, o que pode resultar em um preconceito relacionado à atuação da mulher neste setor.

Quando perguntados se há preconceito dos homens em relação às mulheres que trabalham no setor civil, a maioria (63%) respondeu que “não”. Entretanto, o preconceito foi apontado anteriormente pelos respondentes como um dos fatores mais relevantes que dificulta a inserção e o trabalho das mulheres no setor da engenharia civil. Dessa forma, pode-se notar que, embora grande parte dos respondentes afirmarem não haver preconceito no seu contexto de trabalho, e o estudo de Lavinias (2001) respaldá-los – demonstrando que esse cenário está sendo aos poucos modificado com a dimensão do gênero, as demandas e as vantagens objetivas do perfil feminino, que auxiliam no processo de extinção desse preconceito na área civil –, grande parte dos trabalhadores masculinos da área ainda apontam que uma das principais dificuldades para a inserção de mulheres no setor é justamente o preconceito.

Em relação às possíveis dificuldades em se trabalhar com mulheres no mesmo segmento, a grande maioria respondeu que “não”, com 87%. Entretanto, a maioria também nunca trabalhou com mulheres, e isso pode contribuir para que não conheçam as dificuldades, uma vez que não passaram por uma situação real de trabalho com mulheres. Quando questionados se teriam dificuldades em aceitar ordens de uma superior, a maioria dos homens respondeu que “não”, com 79%. Ou seja, na opinião dos homens, eles não teriam dificuldades em ser comandados por uma mulher. Essa questão reforça os estudos de Moreira (2012), o qual considera que ambos os sexos são capazes de atuar em qualquer função, sendo possível homens e mulheres trabalharem conjuntamente em um mesmo ambiente, sem a existência de maiores dificuldades.

Entretanto, nesse questionamento, uma situação bem evidente deve ser levada em consideração: a de que uma quantidade significativamente pequena de respondentes já trabalhou com mulheres no canteiro de obras, o que pode acarretar em uma conscientização e, conseqüentemente, em uma resposta, parcialmente utópica a respeito do questionamento realizado. Ou seja, a partir do momento que esses homens conhecem a realidade de se trabalhar ou até a receber ordem de mulheres, as respostas sobre ter dificuldades no trabalho ou de receber ordens de uma superior pode ser diferente, pois, na prática, eles ainda desconhecem essa realidade. Por outro lado, assim como colocado por Lavinias (2001), pode-se partir do pressuposto que a quantidade de homens que já trabalhou com mulheres dentro dos 79% exposto anteriormente, possuem este posicionamento, uma vez que há habilidades e vantagens que essas mulheres em cargos superiores conquistaram e desenvolveram ao longo dos tempos no setor da construção civil.

Dando continuidade, quando indagados sobre diferenças de tratamento entre gêneros no setor da construção civil, 60% dos respondentes disseram perceber desigualdades. Assim, nota-se que, mesmo não admitindo ter algum preconceito contra a presença feminina nas profissões relacionadas à construção civil, a maioria dos homens ressalta perceber tratamentos diferenciados às mulheres envolvidas com o setor. Além disso, foi questionada também qual seria a reação dos respondentes, caso uma mulher fosse promovida a um cargo superior, e se aceitariam essa situação. A grande maioria, 79% dos entrevistados, disse não encontrar nenhuma dificuldade em aceitar. Porém, a pesquisa ainda constatou que 21% dos homens se incomodariam com o destaque de uma mulher perante o seu próprio desempenho.

Por fim, foi questionado aos entrevistados se eles acreditam que o trabalho do homem é superior ao da mulher quando se trata do setor da construção civil, e 56% disseram que “não”. Porém, consideravelmente, 44% ainda acreditam oferecer serviços superiores ao trabalho feminino. Tal fato pode estar relacionado à crença dos homens de que o trabalho no canteiro de obras, por exemplo, é considerado “abrutalhado, pesado e sujo” para as mulheres, assim como infere Lombardi (2006), causando estranheza, e muitas vezes discriminação, seja por parte dos “peões” ou engenheiros. Os resultados confirmam que esses trabalhadores ainda encontram formas de preconceito contra a presença de mulheres em profissões previamente dominadas por homens, tal como é o setor da Engenharia Civil, o qual, por sua vez, assim como diz Lombardi (2006), ainda é eminentemente masculino, mesmo com a presença cada vez mais crescente, embora ainda pequena, do sexo feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os tempos primórdios, há uma discriminação sobre o lugar e a função da mulher e do homem no mercado de trabalho. Apesar das diversas transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil nos últimos anos, ainda é frequente a discussão sobre a relação de gênero e sua ocupação no trabalho, bem como a luta por reconhecimento por parte das mulheres em algumas profissões, principalmente naquelas consideradas exclusivamente do sexo masculino.

Além da crescente taxa de inserção das mulheres no setor da construção civil, ainda que seja relativamente pequena, é importante destacar que dentre os homens entrevistados, embora a maioria ainda não tenha trabalhado com mulheres nesse setor, apenas uma minoria diz discriminar a relação trabalho e gênero na construção civil. Outro ponto relevante é que, segundo a opinião dos homens, a grande maioria também não teria dificuldade em trabalhar com o sexo oposto no ramo.

Convém ressaltar que, na opinião da maioria dos homens, as mulheres são capazes de realizar todas as tarefas em um canteiro de obras. Contudo, teriam maior destaque nas atividades consideradas menos “pesadas” e que exigem menos “força física”. Além disso, vale destacar que eles dizem não ter preconceito com o trabalho das mulheres, mas ressaltam que as tarefas poderiam ser distribuídas de acordo com as habilidades de cada gênero. Portanto, ainda é possível identificar uma discriminação enraizada no discurso dos entrevistados, no que tange à relação entre trabalho e gênero na construção civil, isto é, no que diz respeito à capacidade de realização de tarefas consideradas de competência do sexo masculino e feminino neste setor.

Para os próximos trabalhos encoraja-se aprofundar ainda mais os estudos sobre o assunto, se possível no discurso de homens que já tiveram a experiência de trabalhar com mulheres no setor da construção civil. Ademais, também seria relevante analisar por uma ótica de investigação diferente, de modo a confrontar e comparar os resultados encontrados, isto é, pesquisar qual a opinião das mulheres sobre a sua inserção no setor da construção civil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AECWEB. **O portal da Arquitetura, Engenharia e Construção**. Disponível em: <http://www.aecweb.com.br/cont/n/empregos-no-setor_5923>. Acesso em: 03 out. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BENEVENTO, Claudia Toffano; SANTANA, Vagner Caminhas. O conceito de gênero e suas representações sociais. **Revista Digital Buenos Aires**, v. 17, n. 176, 2013.

BLOEMEM, Hans; KALWIJ, Adriaan. Female Labor Market Transitions and The Timing of Births: A Simultaneous Analysis of The Effects of Schooling. **Labour Economics**, v. 8, n. 5, 2001.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Mercado de trabalho: conjuntura e análise**. Brasília: Ipea: MTE, 2013. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt54_completo1.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2013.

BRUSCHINI, Maria Cristina. **O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes**. II Seminário Nacional Políticas Econômicas, Pobreza e Trabalho, IPEA. IPEA, p. 179, 1994.

BRUSCHINI, Maria Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais velhas e mais instruídas. **Revista Mulher e Trabalho**, v. 2, p. 95-105, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. **O trabalho feminino no policiamento operacional: Subjetividade, Relações de Poder e Gênero na Oitava Região da Polícia Militar de Minas Gerais**. 378 p. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2006.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; BRITO, Mozar José; MELO, Marlene Catarina Oliveira Lopes; VASCONCELOS Kamila Anderson. A produção científica sobre gênero nas organizações: uma meta-análise. **REAd**, v. 13, n. 3, 2007.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em Revista**, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CORRÊA, Lásaro Roberto. **Sustentabilidade na construção civil**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2009.

DIÁRIO DOS CAMPOS, **Projeto reserva vagas para mulheres**. Disponível em <<http://www.diariodoscamos.com.br/politica/projeto-reserva-vagas-para-mulheres-47636/>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

GHERARDI, Silvia. The gender we think the gender we do in our everyday organizational lives. **Human Relations**, v. 47, n. 6, p. 591-610, 1994.

KIMMEL, Michael. **Manhood in America: a cultural history**. Oxford United Press: New York, 2006.

KON, Anita. A distribuição do trabalho informal no Brasil em uma perspectiva de gênero. **Revista Venezolana de Análisis de Coyuntura**, v. 18, n. 1, p. 201-229, 2012.

LAVINAS, Lena. **Empregabilidade no Brasil: inflexões de gênero e diferenciais femininos**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

LIMA, Gustavo César Oliveira. **Memórias da gestão: o percurso da identidade administrativa de tropeiros em Minas Gerais**. 172p. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2009.

LIPPA, Richard. Subdomains of gender-related occupational interests: Do they form a cohesive bipolar M-F dimension? **Journal of Personality**, v. 73, n. 3, p. 693-730, 2005.

LOBO, Elisabeth Souza. A luta das mulheres. In: **Anais do seminário “O Retorno do ator”**. França/Brasil. Movimentos Sociais em perspectiva, São Paulo, p. 132-139, USP, 1991.

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 175-185, 2006.

MENEZES, Aline Beckmann; BRITO, Regina Célia Souza; HENRIQUES, Alda Loureiro. Relação entre Gênero e Orientação Sexual a partir da Perspectiva Evolucionista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 245-252, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOREIRA, Marilda Maria da Silva. Assédio sexual feminino no mundo do trabalho: algumas considerações para reflexão. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 4, n. 2, 2012.

NASCIMENTO, Luiz Antônio do; SANTOS, Eduardo Toledo. A indústria da construção na era da informação. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 69-81, 2003.

PIRES, Álvaro. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROSALDO, Michelle. O Uso e o Abuso da Antropologia: Reflexões sobre o Feminismo e o Entendimento Intercultural. **Revista Horizontes Antropológicos**, v.1, n.1, Porto Alegre, 1995.

SILVA, Mayana Hellen Nunes da; SOUSA, Sandra Maria Nascimento. Gênero e sexualidade: representações em imagens e narrativas cinematográficas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 16, n. 3, 2009.

SINDUSCONSP. Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo. **Emprego na construção civil bate recorde**. Disponível em: <<http://sindusconsp.com.br/msg2.asp?id=7180>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

SUAREZ, Mireya. **Gênero: uma palavra para desconstruir ideias e um conceito empírico e analítico**. In: Encontro de intercâmbio de experiências do fundo de gênero no Brasil. 1, 2000. Gênero no mundo do trabalho. Brasília, 2000.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e recortes do tempo presente – mulheres em revistas “femininas”. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 3, p. 67-81, 2001.

THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.